

BRATHAIR

Brathair



2023
ISSUE 1/
VOLUME 23

HISTÓRIA DAS EMOÇÕES

Organizadores:
Gabriel Castanho
Ana Paula Lopes Pereira



ISSN: 1519-9053

EMOÇÕES MEDIEVAIS: CONCEITOS, MÉTODOS E TEORIAS

Medieval Emotions: Concepts, Methods and Theories

Prof. Dr. Gabriel Castanho
Professor de História Medieval, Universidade Federal do Rio de Janeiro
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5044-3518>
E-mail : gabriel.castanho@historia.ufrj.br

Prof. Dra. Ana Paula Pereira
Professora de História Medieval da Universidade do Estado do Rio de Janeiro -
Faculdade de Formação de Professores
ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-644-1987>
E-mail: anaploespereira@gmail.com

“QUEM SENTE MUITO, CALA” Fernando Pessoa trata assim da paixão amorosa em seu poema *Presságio*. Canta a Lírica que pessoas de grande sensibilidade guardam para si suas emoções, pois “Quem quer dizer o que sente / Não sabe o que há de dizer./ Fala: parece que mente... / Cala: parece esquecer...”. Por sua vez, diante de tal máxima, a Lógica nos faz pensar que há aqui uma contradição profunda; tão profunda que chegaria a anular a poética: se a sensibilidade impede o poeta de expressar sua paixão, como o poema poderia existir? Contudo, menos do que o silêncio em si, é no ato de *dizer o silêncio* que se encontra a emotividade do poeta (e de seus leitores, que compartilham com ele a potência emotiva dos versos). A partir do encontro entre Lírica e Lógica, uma coisa fica clara: estamos diante de uma noção histórica, portanto específica, de emotividade. Segundo essa noção, emoção e sua expressão são coisas distintas, podendo existir emoção sem sua expressão e vice-versa, como se a primeira fosse incontrolável, enquanto a segunda não. Tal distinção lembra imediatamente outra, mais significativa e marcante no mundo ocidental contemporâneo: a ideia de que existiria uma oposição entre emoção (coisa profunda e incontrolável) e expressão (algo do registro da superficialidade e da comunicação, controlável como uma linguagem racional). Ora, há muito se sabe que longe de ser um dado humano profundo e anistórico, a dualidade emoção/razão é um construto da cultura ocidental. Afirmar isso não retira a beleza da força poética citada há pouco; pelo contrário, intensifica, como um *presságio*, a cultura emotiva na qual os falantes de língua

portuguesa ainda hoje se inserem, situando nesta língua uma sinceridade emotiva que se quer universal ao expressar eficazmente a potente tópica emotiva contemporânea na qual todos nós ou estamos inseridos ou com ela devemos dialogar. O risco, para nós, agentes históricos dessa ideia de emoção, é o adoecimento, caso operemos em outro registro emotivo.

A questão do equilíbrio salutar entre emoção e razão transparece atualmente no campo da saúde mental, na reflexão a respeito do imbricamento entre emotividade individual e coletiva. “Uma boa saúde mental é capital para o funcionamento da sociedade no melhor dos tempos”. Com essas palavras a Organização das Nações Unidas (ONU) emitiu uma de suas notas iniciais após o estabelecimento da pandemia de COVID-19. Estávamos em 13 de maio de 2020, e a ONU procurava estabelecer políticas que deveriam nortear ações que pudessem assegurar a saúde mental de populações que começavam, então, a enfrentar os impactos da nova e desconhecida infecção virótica. Do ponto de vista histórico, o documento revela alguns dados importantes: a pandemia teria impactos emocionais e esses não estariam restritos ao domínio individual. Para nós, historiadores, esse tipo de diagnóstico não é novo. Por exemplo, há quase 700 anos outra epidemia deixou suas marcas em uma parte considerável do globo. A chamada Peste Bubônica devastou regiões da Ásia à Europa, legando relatos como o escrito por Boccaccio: “o desastre pusera tanto horror no coração dos homens e das mulheres que o irmão abandonava o irmão, o tio o sobrinho (...) a mulher o marido (...) os pais e as mães evitavam ir ver e auxiliar os filhos”. Se nos dois casos percebemos a preocupação com a relação entre emotividade e ordem social, a gestão das emoções (fazendo lembrar a *emocionologia* de Stearns e Stearns) marca diferenças históricas importantes no modo como as sociedades pensaram compreender as emoções: da mente ao coração; do governo às famílias.

A atenção às emoções não está apenas ligada a contextos extremos como a paixão que cala ou as pandemias. De fato, o ser humano, sua natureza, seu comportamento, mas também suas paixões são, há séculos, objetos fundamentais de reflexão e especulações filosóficas. No ocidente medieval, um exemplo desta busca pode ser encontrado na filosofia teológica, sobretudo a partir do século XII, retomando, à sua maneira, o neoplatonismo e o aristotelismo, que se dedicou a refletir a respeito da relação dialética entre corpo e mente, razão e afeto e outras instâncias. Da ira divina, ao chamado “amor cortês”, passando pelo medo do inferno

e a suposta tristeza monástica, muitas e diversas foram as formas, não apenas de se pensar as emoções mas, sobretudo, de experimentá-las. Contrariamente a certo senso comum de viés biológico e marcadamente universalizante, presentista e individualista há, portanto, um horizonte histórico e social intrínseco às emoções (Lindner).

Nesse sentido, não é por acaso que especialistas no estudo de temporalidades passadas tenham buscado, há algumas décadas, incluir o horizonte emotivo em suas pesquisas, desenvolvendo conceitos (os *emotivos* de Reddy) e métodos (as listas de palavras de Rosenwein) em diálogo com novos referenciais heurísticos (as *comunidades emocionais*, também de Rosenwein) e teóricos (a *experiência*, segundo Boddice e Smith) que permitam melhor compreender o papel das emoções nas diferentes sociedades humanas, chegando, até mesmo, a propor periodizações históricas centradas nas emoções (o *apaixonamento do cristianismo* de Boquet e Nagy). De fato, afastando-se criticamente de um viés biológico e não-histórico das emoções, cientistas sociais já demonstraram as inseparáveis dimensões cognitiva e cultural das emoções humanas (Lutz e White; Coelho e Rezende).

Nesse contexto de ebulição dos estudos sociais das emoções, foi com muita alegria que recebemos o convite de organizar, para a Revista Brathair, um primeiro dossiê dedicado à História das Emoções Medievais. A composição deste dossiê intitulado *Emoções Medievais: conceitos, métodos e teorias* foi marcada pela busca da diversidade de abordagens. Buscou-se disponibilizar, aos leitores de língua portuguesa, trabalhos versando sobre (mas não exclusivamente) diferentes temas de grande relevância entre os estudos atuais das emoções: emoções e mobilização social, emoções e práticas discursivas, semânticas emocionais, emoções e experiência, corpos e suas sensibilidades, formas de se pensar as emoções, usos emotivos do passado medieval.

O dossiê *Emoções Medievais: conceitos, métodos e teorias* conta com contribuições de autores oriundos de diversas instituições, de diferentes países e regiões do Brasil; a variedade também é marca quando se trata do percurso acadêmico dos autores, uma vez que nossos leitores encontrarão aqui trabalhos (inéditos em língua portuguesa) de autores que são referências internacionais nos debates teóricos e metodológicos no campo do estudo históricos das emoções, campo em franco desenvolvimento desde meados dos anos 1990, com uma aceleração notável na década seguinte (Castanho). Desde então, as contribuições permanentemente renovadas de

suas abordagens nos permitem avançar em nossas propostas de pesquisa. A força de tais reflexões dialoga com as contribuições de uma segunda geração de pesquisadores que já vem trabalhando na esteira das renovações anteriores há cerca de quinze anos. Suas reflexões colocam à prova conceitos, métodos e teorias, ampliando e enriquecendo ainda mais os atuais estudos sobre as emoções. Se é verdade que uma parte significativa dos autores que compõem esse dossiê é de origem internacional (Argentina, Estados Unidos da América, Finlândia e Israel), a presença nacional revela uma geografia institucional ampla: UFPeL, UEL, UFF, UERJ, UFRJ, UNIRIO, UFSC, UNESP e UFOPA. Por fim, ainda a respeito da variedade autoral, vale ressaltar o fato de o presente dossiê ser composto por duas resenhas a respeito de livros atuais e de grande importância para o tema central aqui explorado: um manual de história das emoções e um estudo de fôlego sobre a relação entre emoções e retórica no ocidente.

Nossos leitores encontrarão aqui as experiências de trabalho de professores eméritos, seniores, pós-doutores, doutores e doutorandos, todos compartilhando suas fontes e abordagens a respeito de diferentes temáticas associadas às emoções, entre elas a neurologia, os estudos históricos, os estudos de gênero, os estudos sensoriais, o estudo das imagens, o ensino, a política, a religião, a fé, a retórica, as práticas escritas, a dor, a tristeza, a felicidade, a ira, o trauma, a maternidade, o matrimônio, a morte, as sensibilidades, os sentidos, o corpo, a moralidade, as virtudes e os vícios; temáticas bem situadas historicamente e cobrindo temporalidades que vão do século VIII A.E.C até o século XV e atravessando os mundos helênico, muçulmano, carolíngio, franco, germânico, além de espaços como a península ibérica e a ilha irlandesa. Nesse sentido, o dossiê permite acessar análises de diferentes tipos de fontes documentais (literárias, arqueológicas, imagéticas, cronísticas, normativas, bíblicas, sacramentais, sermonística e historiográficas). Diferentes abordagens interdisciplinares foram empregadas seguindo metodologias e conceitos próprios dos campos em questão (historiografia, neurociência, biocultura, sensibilidade, sensorialidade, sentimento, emoção, mineração de dados e estudos digitais). Assim, esperamos que a leitura desse dossiê contribua para a sementeira, o cultivo e a colheita de um campo pesquisa tão belo e tão vasto quanto a História das Emoções.

Os organizadores do dossiê *Emoções Medievais: conceitos, métodos e teorias* gostariam de agradecer à professora Adriana Zierer, editora chefe da *Brathair* pelo convite e confiança durante todo o período de produção deste material. Tal agradecimento se estende a Thais dos Santos e a Brunno Araújo por todo trabalho editorial realizado para que essa edição especial pudesse ganhar o mundo. Agradecemos ainda a todos autores que nos brindaram com sua dedicação e trabalho do início ao fim do processo editorial, bem como aos pareceristas que com suas análises e comentários enriqueceram ainda mais este dossiê. Em suma, agradecemos a todos que permitiram a concretização desse dossiê apesar das dificuldades pessoais, nacionais, transnacionais, globais e ambientais que marcaram o tempo de sua produção.

Bibliografia

- BODDICE, R.; SMITH, M.. **Emotion, sense, Experience**. Cambridge: University Press, 2020.
- BOQUET, D. ; NAGY, P.. **Sensible Moyen Âge. Une histoire des émotions dans l'occident médiéval**. Paris : Seuil, 2015.
- CASTANHO G. “Uma introdução à historiografia brasileira das emoções medievais no século XXI”. In: CASTANHO G.; PEREIRA, A. P. (orgs). **O estudo das emoções medievais no Brasil: historiografias, filosofias e literaturas**. Jundiaí: Paco Editorial, 2024 [no prelo].
- COELHO, M. C. et REZENDE, C. B., (orgs.), **Cultura e sentimentos. Ensaio em antropologia das emoções**. RJ: Contra Capa/FAPERJ, 2011.
- LINDNER, E. G.. “O que são emoções?”. [Tradução de M. G. P. Koury]. **RBSE – Revista Brasileira de Sociologia da Emoção**, v. 12, n. 36, 2013, p. 822-845
- LUTZ C.; WHITE ,G.. “The anthropology of emotions”, In: **Annual Review of Anthropology**, 1986, 15, p.405-436.
- REDDY, William. **The Navigation of Felling. A Framework for the History of Emotions**. Cambridge: University Press, 2001.
- ROSENWEIN, B. H. **Emotional Communities in the Early Middle Ages**. Ithaca: Cornell Univ. Pr., 2006.

STEARNS, C.; STEARNS, P.. “Emotionology : Clarifying the History of Emotions and Emotional Standards”, **The American Historical Review**, 90 (1985), p. 813-836.